

estruturante de nossa percepção de nós mesmos e dos outros em nossa condição de fragmentação e virtualidade.

LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter
(coord.)

Coleção de Filosofia da Educação
Série Educação, Experiência
e Sentido

Belo Horizonte: Autêntica, 2002-2003

Graciela Hopstein e Walter Kohan

Como ela mesma se apresenta, a série *Educação: Experiência e Sentido* propõe-se a testemunhar experiências de escrever a educação, de educar na escritura. Essa coleção não é animada por qualquer propósito revelador, convertedor ou doutrinário. Nada a revelar, ninguém a converter, nenhuma doutrina a transmitir. Trata-se de apresentar uma escritura que nos permita liberar-nos de certa verdade na qual educamos. Talvez possamos assim ampliar nossa liberdade de pensar a educação. Algum leitor poderá estar pensando que se a filosofia é um gesto que afirma sem concessões a liberdade do pensar, então esta é uma coleção de filosofia da educação. Quem sabe os sentidos que povoam a leitura dos livros que compõem *Educação: Experiência e Sentido* poderão testemunhá-lo".

O início da série parece confirmar esta presunção. Em 2002 foram lançados os dois primeiros volumes, *O Mestre Ignorante* de Jacques Rancière e *Os enigmas da educação* de Lílian do Valle. Em março de 2003 será lançado um terceiro volume, *A infância entre a educação e a filosofia* (Walter Kohan) e, logo depois, o volume 4 de *Pedagogia Profana II* (Jorge Larrosa).

O Mestre Ignorante, publicado originalmente por Jacques Rancière em 1987 - única obra do autor sobre educação - conta a história de um professor emancipador, Joseph Jacotot, que, em 1818, enfrenta uma situação

■ Leonora Corsini é psicóloga e doutoranda da Escola de Serviço Social da UFRJ. Pesquisadora do LABTeC UFRJ, é membro da Rede Universidade Nômade.

que rompe as condições básicas de qualquer ato de ensinar. Nascido em 1770, Jacotot, professor de literatura francesa, serve no exército, ensina retórica, ocupa cargos públicos e é eleito deputado em 1815. O retorno dos "Borbones" o obriga a ir para o exílio, nesse momento Jacotot recebe um convite para dar aulas na Universidade de Louvain, nos Países Baixos. Ali, lhe espera uma surpresa: seus alunos falam uma língua que ele desconhece (flamenco) e eles desconhecem a língua que ele fala (francês). O ato comunicacional, base de todo ensino, se quebra: o professor não pode se comunicar com seus alunos.

No entanto, Jacotot encontra algo em comum com eles: uma edição bilingüe do *Télémaque* de Fénelon, que cai por acaso em suas mãos. Através de um intérprete, solicita a seus alunos que aprendam o texto em francês. Os alunos aprendem por si mesmos. Por etapas, Jacotot pergunta o que os alunos têm aprendido e verifica que fazem seu trabalho com atenção. Ao final, consegue que seus alunos aprendam a falar, ler e escrever em francês. Aprenderam por si mesmos, sem um professor que lhes ensine um conteúdo, porém não sem professor.

A partir desta experiência, Jacotot intui que é possível ensinar sem explicar, o que se ignora. Passa a ensinar matérias que ignora (pintura, piano), sem explicar nada e os alunos aprendem. Mais ainda: lotam suas aulas. Em todos estes casos os alunos aprendem seguindo seus próprios métodos, elegendo caminhos que eles mesmos decidem.

A partir desta experiência, Jacotot-Rancière irrompem com um pensamento que questiona as bases da sociedade pedagogizada e os educadores progressistas: toda ela se afirma sobre a paixão não igualitária, ainda aqueles que dizem procurar a igualdade: a igualdade é princípio, ponto de partida,

axioma a ser verificado; quem procura a igualdade acaba alimentando a desigualdade da qual parte.

Assim, uma educação é libertadora, emancipadora, à medida que não dá aos outros a chave do saber, senão a consciência do que pode uma inteligência quando considera todas as inteligências iguais. O ato de ensinar é libertador quando permite ao aprendiz perceber a potência não inferior de sua inteligência. A partir do princípio da igualdade das inteligências, ensinar (e aprender) tornam-se possíveis.

Se pensarmos, ao contrário, que ensinar tem a ver com explicar, então estamos embrutecendo e embrutecendo-nos; submetemos aos outros as nossas explicações e nos submetemos a um diálogo com quem, pressupomos, não tem nossa mesma inteligência. Não é a falta de inteligência dos outros o que embrutece, se não nossa crença na incapacidade de sua inteligência. Ensinar deverá começar por um ato libertador: admitir que, quanto ao pensar, somos todos iguais.

A emancipação intelectual não é institucionalizável, não pode estar a serviço da formação de um tipo específico de atores sociais. Não é um método para formar cidadãos. É incompatível com as instituições porque seus princípios são opostos: entretanto ele se origina na igualdade, estas representam a falta de igualdade. Disse Rancière: "jamais um partido, um governo, um exército, uma escola ou uma instituição emanciparão a alguém" (2002: 142).

A emancipação intelectual não pode instituir-se, mas sim ser aplicada. Pode também anunciar-se para que outros apliquem a boa nova. Como a liberdade, a emancipação é algo que não se dá senão que se pega. É, sobretudo, o método dos pobres, dos excluídos do sistema educacional dominante, as crianças,

as mulheres, os negros, aqueles sobre os que mais pesa o prejuízo da não igualdade das inteligências. Porém não é um método exclusivo de pobres ou excluídos; é de todas as pessoas que buscam, por si mesmas, seu próprio caminho.

Jacotot-Rancièrre não buscam fundar uma nova proposta pedagógica nem sentar as bases de um novo método. Não é um novo modismo educativo nem algo que vá resolver nossos problemas pedagógicos. Ao contrário, talvez os complique. Porque se trata, sobretudo, de problematizar os valores que afirmamos quando dizemos que ensinamos.

A emancipação é também um princípio político para outra educação e outra sociedade. Alguém poderia pensar as repercussões desta aventura intelectual em uma sociedade cheia de excluídos e analfabetos como a nossa, em uma sociedade que explode de desigualdades? Alguém poderia valorar as implicações de sair a declarar por aí que qualquer um pode ensinar a qualquer um, que não é necessário saber o que se ensina e, sobretudo, que somos todos iguais em inteligência?

Os Enigmas da Educação é a tese apresentada por Lílian do Valle para o concurso de professor titular de Filosofia da Educação da UERJ em 2001 e reúne três paixões da autora: os Gregos e Castoriadis para interrogar juntos a educação que é a nossa. Como o do Rancièrre, a afirmação dos paradoxos da educação, a partir dos quais ensinar e aprender ainda podem fazer algum sentido.

A estrutura do livro se apresenta em três capítulos que oferecem a leitura de outras tantos Diálogos de Platão: a) os enigmas da aprendizagem, em companhia do Ménon; b) os enigmas do mestre, junto ao Górgias e c) os enigmas da educação democrática, leitura do Protágoras. Nas conclusões, a autora

vincula os enigmas emergidos da educação dos gregos até os labirintos da educação pública de nossos dias, no Brasil.

Exercício infatigável de leitura e interrogação, *Os Enigmas da Educação* faz jus ao título e seu explicativo: *A paidéia democrática de Platão a Castoriadis*. Na forma de uma pergunta só que se expressa de formas diversas: em que medida o telão dos gregos se levanta para pôr em cena uma interrogação que é a nossa sobre as exigências contemporâneas de uma educação "democrática"? Como passar da perspectiva individual à perspectiva coletiva? Quais exigências, quais reflexões, quais condições deve seguir hoje uma educação auto-concebida como democrática?

A resposta não está dada senão numa certa forma de focalizar a pergunta. Como o enigma, que embora não possa ser respondido, exige ser enfrentado. Porque mesmo na impossibilidade da resposta, encontra sentido pensar os enigmas que são também os da formação ética na escola pública. Como afirma a autora:

"É possível a educação sem a ética? Toda a herança da modernidade, todo o testemunho da atualidade parecem conspirar para esta certeza. E, no entanto, "A vida sem exame não vale a pena ser vivida". Vale a pena escrever um livro, ainda. Para falar do exame. Para falar da filosofia e da educação" (p. 12). Ainda vale a pena ler este livro. Para pensar exame. Para pensar a filosofia e a educação.

A Infância entre a Educação e a Filosofia, terceiro volume da série, busca problematizar os modos clássicos de se relacionar a infância com a educação e a filosofia. O livro tem duas partes e um epílogo. Na primeira parte, se reconstitui um certo conceito da infância, num primeiro capítulo nos Diálogos de Platão, num segundo capítulo

na modernidade inventada por Philippe Ariès e M. Foucault e, num terceiro capítulo se discute a idéia da infância que está subjacente no programa "Filosofia para Crianças" de Matthew Lipman. Na segunda parte, inverte-se a relação: a filosofia não estuda mais a infância, mas esta àquela. O que pode dar olhar a velha filosofia com olhos novos (infantis)? São propostos quatro exercícios, com quatro temas-filósofos: o tempo (Heráclito), o filósofo (Sócrates), o ensinar e o aprender (J. Rancière) e o pensar (G. Deleuze). No epílogo se explicita o conceito de infância que atravessa essa segunda parte do livro.

Para aqueles que se preocupam com a pedagogização da infância e da filosofia, este livro pode ser uma leitura companheira. Ou para aqueles que pensam que não se pode prescindir da educação e que também não se pode prescindir da política. E que se pode pensar em uma educação e uma política filosóficas, abertas, problematizadoras, não totalizantes. Uma educação e uma política infantis.

Por último, por vir, *Pedagogia Profana II. Estudos sobre Linguagem, Diferença e Educação*, de Jorge Larrosa. Se este segundo volume dá a ler e profana uma mínima parte do que a primeira *Pedagogia Profana* deu e profanou, terá ganho o céu, ou como queiramos chamar, aquela parte da biblioteca que sempre dá vontade de voltar a visitar. E ler.

■.....Graciela Hopstein é mestre em Educação pela UFF e doutoranda da Escola de Serviço Social da UFRJ. Pesquisadora associada do LABTeC UFRJ, é membro da Rede Universidade Nômade.

■.....Walter Kohan é coordenador, junto com Jorge Larrosa, da Coleção de Filosofia da Educação.